



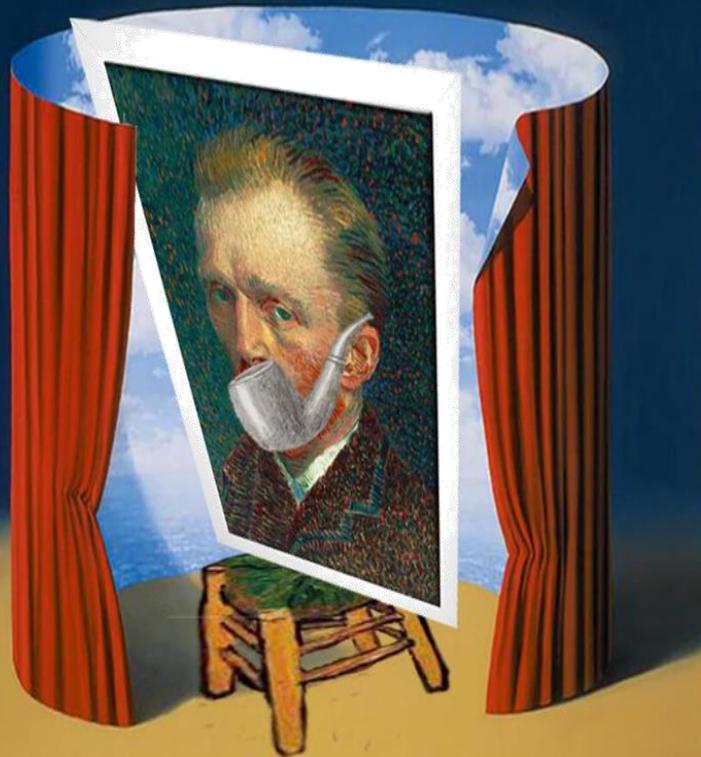
XVIII – A Lua: representa, dentre outras coisas, atos instintivos, poder da imaginação sem limites, fantasia, mistério e magia; a carta do tarot de Marselha A Lua está muito relacionada ao mundo onírico (sonhos) e é indicadora de força e coragem espiritual; uma lição importante que ela traz é para evitar se deixar levar por quaisquer pensamentos, sejam bons ou ruins, ou seja, vale o velho ditado “pensar duas vezes antes de tomar qualquer atitude ou realizar qualquer ação”.

**Verso em frente ao frente verso por Lucas Prestes**

DESENHOS EM BRANCO

25

RASCUNHO [ESCRITO DO TEMPO]



A cor que há forma em seu mundo  
pintado por entre camadas  
tingidas em tons de veludo  
cortantes igu'alma navalha  
sentidos alcance do tempo  
vivididos, consigo em nada  
terá parcelso contido  
aos olhos de quem o pintara

rara felicidade  
peço que quando vieres  
traga contido algum verso  
das razões par'aquele grito  
que me preencheu todo peito  
  
escrevia, então, tudo aquilo que  
imprimisse  
ar de coisa que valesse  
como linha digna de curva  
em superfície viva como pele

um pedido de ajuda foi feito  
ao menos esse era o sussurro  
que lhe ouvia aos olhos rangendo  
dos gritos que vinham da sala  
na parede ligada e estarecida  
enchida de sonhos que consumia  
palidez de uma tela enrugada

seu sorriso lembrava saudade  
sonhada igual liberdade  
no rosto de quem se chegar  
com quem se quer sempre sorrir

réu confesso de minha sobrevivência

fundamental

alimento o mundo comprando meu querer

no comércio da contradição diária

que me faz assim perceber

como um esfomeado que a toma em mãos

o acalentar da sede daquilo que não se fala

o olhar que me fez te querer

encontrou o meu jeito de amar

que me cobri as montanhas ao vento

encantado num simples tocar

pela boca macia de viver

esse universo infinito em constelar

poesia a conta gotas de palavras  
esperando na escrita de um caminho  
que me leve justamente para fora  
das loucuras que tomam em juízo

coloquei toda a carne pra cozinhar  
saciando minha cede de morte  
fome de tudo que não dá pra negar  
muito menos contar pela sorte

olhou bem no fundo do quadro  
sem entender coisíssima alguma  
concluiu sobre o nada presente  
na imagem da própria figura

um ponto que se transformasse  
qualquer coisa em que se bastasse  
sentado ao passo e despido  
com certo sentido em si mesmo  
sem ter-se de fato oprimido  
enquanto se vive em sujeito

amanhã compro a água que falta  
para saciar a sede que me esturrica  
boca seca de teus lábios rachados que  
num sorriso amarelo contamina de  
silêncio

amor... ... fina razão ao sorriso desconexo  
casulo de alegria no sentido inserto  
borboleta que paira no azulado de teu céu  
cristalino como rio de correnteza forte dos  
olhos

percebi as referências do cumprimento  
era alguém cuja além se falava  
ao primeiro contato incerto  
na planície contida na palma  
da mão ao primeiro toque

embacei o espelho achando encontrar  
aquilo que um dia consigo mais ver  
peguei emprestado no teu caminhar  
esperança da imagem que nunca serei  
coloquei-a enfrascada no quadrado do  
tempo  
só pra lembrar

levou à boca a essência dos devaneios  
carnais escreveu cartas dos roteiros banais  
desenhou episódios para uma vida  
qualquer guardou-as na gaveta da  
memória  
  
e as queimou sem perceber pelas traças  
  
em chamas

adentro no ventre no antro  
na trama do olho do tempo  
nos braços me sinto acalanto  
aos olhos te vejo sedento  
nesse estado de graça que talho os sulcos  
na alma daquilo que chamo de vida

vida rasteja  
muito rente ao no chão  
sempre em baixo dos pés  
encoberto de um céu  
do céu da boca de alguém  
que pisa

enterrados foram os espaços  
que os traços souberam cobrir  
pelas brechas cravadas no solo  
do papel que não quer aderir  
à forma  
da palma escrita na raiz da tua mão

o jaraqui desliza  
pela mucosa gosmenta  
que sacia as entranhas  
à espera de um mergulho, fatal  
desmembrado pela serrilha, do metal  
é levado ao cabo  
pelo tridente da justiça  
intragável

saiu para catar o vento que soprou  
aos ouvidos do seu oriente  
mas mal soube ele que  
em coisa mais enfezada se  
o vento desses ares trouxesse

tudo começou naquele dia  
lembrei de um lugar e sorri  
quando abri o álbum de fotografia  
existia uma fina poeira  
nas lembranças daquela situação  
estranho cair da árvore naquela idade

Todo dia pela manhã descia  
as escadas tremulas correndo  
no alto, um punho serrado  
na voz, a garganta embargada de vento

tatuagem essa que não sei bem  
se me fico ou se faço graça  
no azul do céu que te apontei  
há o cheiro da terra quando molhada  
pelas chuvas de verão

alardeou sua inocência

num claro grito no escuro

contaminou-se de injeções e raiva

pelo o que ainda há de vir

em saber mesmo que chegava ali

a linha estrada de sua caminhada

sua boca estava perplexa

pelas vidas cantadas em versos

mencionaram seu nome na rua

num dos sambas de dona Onete

se você estiver afim, assim será  
o que quero como nunca, se topar chego  
na tua casa lá pelas 16h  
levo quitutes e minha amizade sincera  
para tomarmos café da tarde

não posso matar um poeta como você  
fica aí produzindo essas coisas sem rumo  
parece desenhos que se movimentam  
em direção às linhas de Vênus  
que faz em processo pintura

enquanto o tempo não vem  
vou matando a saudade da alegria  
foi ela quem me colocou nos teus braços  
acariciando as angustias feridas  
na fila de suplementos energéticos

Ítaca para além

acendi o último trago  
não aguentava mais uma vírgula  
a cada meia dúzia de bocejos  
o café me vinha à boca mostrar  
que acordado em mantinha em silêncio

pelo simples desejo do mar  
olhar...

o lugar de onde falo esses versos  
se parece com cheiro de prata  
ao cair no luar de um sereno  
igual chuva jazida na mata